

## DOCUMENTOS

## O manifesto dos três

Seu a hora da decisão. Os sociais-democratas alemães tem agora na sua frente uma situação que é da maior importância para os destinos do povo tedesco, para os destinos do mundo civilizado.

Certos pedidos, que por alguns meses foram advogados por uma fracção sem importância da imprensa e por organizações insuladas de escassa consideração, foram recentemente perfilhados por personalidades altamente colocadas e corporações de alguma influência. Esboçam-se programas que fazem degenerar a presente guerra numa guerra de conquista.

Todos terão presentes as declarações feitas na reunião da Primeira Câmara da Dieta prussiana, em 15 de Março de 1915, pelo presidente, sr. Wedel-Piesdorf:

A Alemanha está agora victoriosa, e se mais nada quiséssemos senão repolir o ataque dos nossos inimigos, acho que não seria muito difícil fazer as pazes dentro de breve tempo. Mas a Alemanha não pode satisfazer-se com isso. Gons derando os imensos sacrificios em homens e materiais que fizemos, temos que pedir mais. Não podemos embainhar a espada enquanto a Alemanha não tiver recebido garantias de que os nossos vizinhos nos não assaltarão de novo da mesma forma.

Na sessão do Reichstag de 29 de Maio de 1915, o conde de Westtapp, pelos conservadores, e o sr. Schuffer, pelos liberais nacionais, declaram-se francamente em favor de anexações. O conde de Westtapp interpretou as declarações do chanceler imperial no dia anterior—que a Alemanha devia ter «todas as garantias e penhores possíveis de que nenhuma das suas inimigas, quer só, quer com outras, ousasse provocar outra guerra»—com o prenúncio duma política de anexação, e esta interpretação não foi rejeitada pelo Governo Imperial.

A juntar a estas declarações influentes, seis grandes organizações capitalistas e terreais, chefiadas pela União Central dos Industriais Alemães e pela União dos Proprietários Agrícolas, apresentaram uma petição ao Chanceler Imperial, na qual pediam a conquista dum grande império colonial, largas indemnizações de guerra e anexações na Europa que incorporariam compulsoriamente no império germânico mais de sete milhões de belgas e mais de três milhões de franceses. A tirania com que tais povos devem ser governados é sugerida numa frase da petição: «O governo e administração devem ser conduzidos de tal modo que a população não tenha voto nos destinos do império alemão.» Isso significa, por outras palavras, que essa população anexada é força tem que perder para sempre os seus direitos políticos. Mais adiante, a petição pede que todas as propriedades da Europa Occidental que acarretem consigo grande influência económica e social, especialmente as grandes sociedades industriais, passem para mãos alemãs, e que na Europa Oriental os grandes domínios territoriais sejam administrados por alemães.

Finalmente, um príncipe teuto-

nico, o rei da Baviera, num discurso proferido num dos últimos dias em Feurth, deu expressão aos pedidos de extensão das nossas fronteiras no Occidente, «com o que podemos obter para a Alemanha do sul e oeste melhores comunicações com o mar».

Em vista de todas estas declarações, a social-democracia alemã tem que decidir se elas são compatíveis com os seus princípios e com os deveres que ela tem de cumprir como guarda dos interesses económicos e morais das classes trabalhadoras da Alemanha e se pode continuar e apoiar no prosseguimento da guerra gente cujas intenções estão em contradição directa com a declaração do nosso grupo parlamentar, em 4 de Agosto de 1914, na qual ele afirmou que, de acordo com as decisões da Internacional, condenava qualquer guerra de conquista.

Esta afirmação tornar-se-ia uma mentira, se os sociais-democratas alemães, em face das actuais declarações das classes governantes, se limitassem a mera formulação de académicos pedidos de paz. A experiência demonstrou que de tais pedidos não se faz o mínimo caso.

O que muitos de nós recebiam cada vez se torna mais evidente: os sociais-democratas alemães são convidados a conceder os créditos de guerra, mas são friamente ignorados quando se tomam decisões da maior importância para o futuro da nossa nação.

Podemos nós permitir que continue um estado de coisas que nos priva da possibilidade de fazer o melhor uso possível da influência da classe operária tedesca ao lado duma política ditada pelas nossas mais profundas convicções e baseada na experiência da história, destinada a servir os melhores interesses tanto da nação alemã como de todas as nações envolvidas?

Os sacrificios que esta guerra exige dos povos interessados são enormes e crescem de dia para dia. A história do mundo não regista outra guerra que tenha tido, aproximadamente sequer, tam mortíferos efeitos. Combina a crueldade dos períodos bárbaros com os mais requintados inventos da civilização para varrer a fina flor dos povos. Não menos enorme é a sacrificio em materiais demandado pela carnificina. São devastados vastos territórios. Somas colossais, que os governos recusaram gastar em melhoramentos sociais num ano, são nesta guerra despendidas numa semana para matar gente e destruir as bases dum futuro bem-estar. Todas as nações envolvidas caminham para a bancarrota, se a guerra continua.

Em largas esferas no nosso país e nos países com os quais a Alemanha está em guerra levanta-se cada vez mais um violento desejo de paz. Enquanto as classes dirigentes recusam aceder a esta vontade de paz, milhares e milhares de indivíduos tem os olhos na social-democracia, que sempre foi considerada como o principal partido pacífico, e dela esperam a palavra de libertação e a acção correspondente.

Pois que os planos de conquista são bem abertamente expostos perante o mundo inteiro, os sociais-democratas tem plena liberdade de afirmar com a maior energia a sua opposição a tais planos. E a situação actual torna um dever esta liberdade. A classe operária organizada espera que todos os sociais-democratas se levantarão unidos em completa harmonia nesta conjuntura, como fizeram em 1870 numa situação semelhante, quando todos os sociais-democratas se uniram para uma acção comum, a despeito das suas divergências, ao estalar da guerra.

As condições de paz impostas por um lado ás nações inimigas não podem trazer uma paz verdadeira. Só poderão promover novos armamentos e a perspectiva de nova guerra. Uma paz perfeita e duradoura só é possível baseada num livre acôrdo. Não está ao alcance da democracia social dum só país criar tal base; mas nessa criação pode ter o seu quinhão cada partido, conforme a sua força e posição.

O estado de coisas no actual momento ordena aos sociais-democratas alemães que deem um passo decisivo para a realização deste escopo. Tem diante de si esta alternativa: ou cumprem o seu dever ou vibram um golpe mortal na confiança que até aqui tem gozado, no espirito do povo germânico e de todo o mundo civilizado, como guardas da paz entre as nações. Não temos dúvida alguma de que o nosso Partido se mostrará fiel aos princípios e tradições da sua política dentro e fora do Reichstag. As mais sagradas tradições da social-democracia, assim como a liberdade e o bem-estar futuros da nossa nação, estão em jogo. Se o nosso partido não tem ainda a força suficiente para tomar decisões nacionais, pode contudo actuar como força propulsora para dirigir a política para a meta que nós julgamos ser a justa.

EDUARDO BERNSTEIN,  
HUG HAASE,  
CARLOS KAUSTSKY.

(Do *Leipziger Volkszeitung*, de 9 de Junho. Este jornal foi suprimido por causa deste manifesto).

NOTA DA RED.—Veja-se no nosso n.º 261, de 18 de Julho, a nossa opinião sobre este manifesto e os dois que publicaremos em seguida.

## Coisas historicas

13 1908—No Porto inicia a sua publicação uma revista mensal de orientação sindicalista, com o título, *O Alfiate*.

14 1870—Realiza-se, em Neuchâtel (Suíça) um congresso da Associação-Internacional dos Trabalhadores.

15 1907—Exigido uma diminuição no preço dos alugueiros das casas, declarou-se em greve os inquilinos de Buenos Aires. Apesar das brutalidades e dos atropellos da policia e dos bombeiros, os grevistas triunfaram após alguns dias de luta.

16 1883—Saí, em Montevideo, o primeiro número de *O Direito à Vida*, semanário anarquista.

17 1890—Próximo do edificio das Cortes, é morto pela policia civil de Lisboa, o operário Carlos Franco, por alounga «O Pardo».

18 1893—Em Algeciras inicia a sua publicação um semanário anarquista-intitulado, *O Oprimido*.

19 1899—Com vitória parcial para os operários, termina a greve dos cortadores de Gerona.

preta e, na cabeça, um fei reticulado com duas desgraciosas centáureas azuis que eu não quereria por quatro vintens.

Porque ela frequenta um convento, e se vocês tem irmãos ou filhas, não de conhecer a elegância que reina nos conventos. As boas das freiras tem cada lembrança para tornar ridiculas as crianças! Palavra de honra, eu quereria saber onde diabo vão elas buscar aquilo!

Aquelas fitas que elas lhes põem em roda da cinta para distinguir as classes vocês não imaginam como são feias! Genoveva tem agora uma verde e cor de laranja. E de fazer fugir um selvagem. Mas o mais revoltante, a meu ver, é a rede. E preciso ser cruel a valer para prender os cabelos das pobres crianças naquelas abomináveis reticulas. Ah! se vissem a Genoveva quando assim está—a cara triste que ela tem! E de partir o coração!

Como todas as pequenitas que vão á escola do convento, Genoveva é um pouco *fin de século*. Nada lhe escapa. Conhece de cor a historia de Ravachol—e foi ela quem me contou que o sr. Deacon fora condenado a um ano de prisão.

—Fizeram bem em o condenar

## AO PÔVO

## Uma questão de moralidade e de interesse para todos!

Quem nos lê, decerto se lembra ainda do placard que a *Liga dos Amigos do Povo* fez afixar ha tempos pelas parêdes das ruas de Lisboa, acerca da existência em vários estabelecimentos das rolêtas automáticas, verdadeiras máquinas de roubar o dinheiro daquele, que cometem a levandade de fazer uso delas! Depois duma luta acérrima com os individuos defensores desse moderno sistema de exercer o «conto do vigário», defensores que não são outros senão os donos das casas que tem expostas as referidas rolêtas, esta Liga conseguiu obter das autoridades que essas rolêtas fôsem proibidas de funcionar.

Com grande espanto, porém, vemos agora novamente em scena essas máquinas de roubar fôrmas e de fometar o vicio.

Conforme já provamos, essas rolêtas estão feitas de maneira que o individuo só ganha 5, quando perdeu 10, ganha 20, quando perdeu 40 e assim sucessivamente.

Portanto a questão de perder ou ganhar, não é uma questão de sorte ou de boa tática:—é apenas uma questão já prevista pela máquina, que está fabricada de tal maneira, que o dono dela fica sempre a ganhar.

Como isto representa uma verdadeira burla, e como a nossa missão é combater sem tréguas, tudo quanto seja em prejuizo moral ou material do povo, esta Liga vem novamente, por esta fôrma, levantar o seu enérgico protesto, contra a existência das referidas rolêtas, e para conveniência dos donos dos estabelecimentos, em que elas estão expostas, avisa os que será bom fazer retirar imediatamente essas máquinas, pois só a propaganda que contra elas vamos encetar, será de molde a causar lhes prejuizos por meio do descredito.

Querem expropriar a bolsa do operário, engodando-o com um falso prémio e com uma máquina que só serve para encher a gavêta do seu dono, roubando a cada lar, o que é preciso para a sua manutenção? Querem exercer ás claras um «conto do vigário» habilmente architectado? Pois enganam-se!... Em nome da dignidade do povo português, em nome do socoço dos seus lares, em nome da moralidade dos não e consentiremos. O nosso protesto irá até onde for preciso e devemos vencer.

A época não corre propicia para burlas; e quem se atrever a manifestar-las, ha-de encontrarnos sempre pela frente!

Fôra pois, com as máquinas infernais! Fôra com a burla das rolêtas automáticas!

E ao povo recomendamos que

fuja das casas em que se encontram tais aparelhos; porque elles são um incitamento á ruina, servindo única e simplesmente, para encher as algibeiras aos seus gananciosos possuidores, isto á custa dos ingênuos que caem na asneira de fazer uso deles.

Povo, alerta! Trata-se do teu bem-estar e da tua felicidade! Foje da nova invenção das rolêtas automáticas, verdadeira armadilha á tua bolsa, e portanto ao teu socoço e ao da tua familia.

A Liga dos Amigos do Povo

## Vida Anarquista

**Propaganda libertária**—Reuniu hoje este grupo no local do costume, pelas 20 horas. Espera-se que ninguém falte.

**Nucleo Juventude libertária, de Lisboa**—Reuniu no dia 27 de agosto e nomeou para o cargo de tesoureiro a camarada Elvira Lopes. Resolveu mudar a sua sede para a Travessa Fieis de Deus, 123, e pedir a todos os camaradas que tenham em seu poder exemplares do folheto *Ao Trabalhador Indiferente*, a fineza de os liquidarem, pois brevemente sairá a segunda edição.

## Publicações

## A confissão Auricular

Subordinado a este titulo, recebemos um interessante folheto, que transcreve uma conferência realisada por A. Carvalho, no Centro Republicano de Guimarães. Nele, o seu autor, apesar de ser um crente religioso e, por consequência, divergente das nossas opiniões, põe em cheque o sistema nefasto do confessorário, usando de uma proficiente argumentação, que demonstra bastantes conhecimentos sobre o tema em questão.

Começa por provar que a confissão auricular não é oriunda da divindade de Deus, o que já sabemos, porquanto não reconhecemos semelhante divindade, nem semelhante Deus, embora não seja este o facto, o argumento sólido em que se baseia o conferentista aludido.

Sempre numa enfiada excelente de considerações e citações bem a propósito, evidencia o mal que a confissão tem espalhado na humanidade, desenvolvendo a prostituição no lar, as discórdias na familia, a guerra, o vicio, a infâmia, o odio, cuja confissão inventada pelos padres, a principio pública e não auricular, depois facultativa para mais adiante tornar-se obrigatória e mercantilista-criando-se uma boa fonte de receita, como as bulas, etc.

Além disto, tem outras passagens de não menos de interesse e de algum ensinamento. Agradecemos a oferta do exemplar.

## Folhetim de «A AURORA»

## JORGE A URIOL

## Lição de história sagrada

A minha pequena sobrinha Genoveva é, sem contestação, a mais bonita criaturinha que se pode achar em Paris.

Dá gosto vê-la com o seu longo vestido império que lhe cai até aos pés—com os seus lindos braços nus, o seu grande chapéu de pastora e os seus cabelos pretos como tinta e os seus olhos cor de mar.

Oh! os olhos dela, fiquem vocês sabendo, não é por ser minha sobrinha, mas probo-lhes; a vocês, encontrarem olhos assim. Ouviram, probo-lhes, e se vocês não querem meter se numa camisa de onze varas, é melhor que fiquem calados.

Bom, continuo.  
Nos Campos Elísios, em cima dos cavalinhos de pau, não ha outra como ela para agarrar as argolas á passagem. É sempre ela que ganha os caramelos. E é de ver como se segura bem a cavallo! Parece uma pequena rainha dos tempos idos.

Mas o que ha de mais extraordinário em minha sobrinha é a

sua voz, uma linda vozinha de pardal, que canta e descanta e que diz coisas tam engraçadas, tam engraçadas!

Que impagavel criaturinha! Inventou uma lingua simplificada que é com certeza o idioma mais cómico que se pode imaginar. Diz, por exemplo, o Jardim Climatação, o pavilhão Ménorville, uma cachofa, um cão magado por um carro, um cabelo rancado pelo pente, etc. E aquilo é tam encantador na sua boca, com aquela voz e aquela carinha, que seria preciso ser o mais infame bruto para procurar corrigi-la. É infinitamente melhor assim. Quanto a mim, cachofa agrada-me muito; afinal, porque é que se ha-de dizer alcachofa? É pretençioso, é mais comprido e não sabe tam bem. De hoje para o futuro, direi cachofa.

A minha pequena sobrinha Genoveva tem dez anos e meio e vai fazer a sua primeira comunhão no ano que vem, se o pároco não for mau demais.

Falei-lhe há pouco do seu vestido império e do seu grande chapéu pastora; esquecia-me de lhes dizer que só á quarta-feira ou ao domingo é que ela anda assim vestida. Nos outros dias, traz um feio vestidinho chato de lá mescla, uma romeira idiota, lavas de filosofa

... porque ele *sassinou* o amigo de sua mulher.

Bumba! toma!

A mãe de Genoveva é uma excelente mulher. E' minha irmã, não posso dizer mal dela, e depois, afinal, ela não o merece. Lá tem, é certo, assuas maniazitas como toda a gente, mas em suma é muito amavel. Tem, porém, uma paixão verdadeiramente exagerada pela historia sagrada. Vocês nunca lhe ouvirão perguntar:

—Genoveva, fizeste o teu problema? Genoveva, sabes a lição de gramática? Ou: que tens que estudar na Historia de França?

Nunca. E' sempre:

—E a tua lição de historia sagrada, Genoveva?

A pobre pequena está fatisissima daquilo; acaba por dizer que Tobias é um velho maçador, e que não é verdade, que Jonas nunca esteve na barriga da baleia...

Ultimamente, estando minha irmã muito atarefada, fui eu o encarregado de lhe tomar a terrivel lição de historia biblica. Tratava-se de Moisés. Sentei-me gravemente numa poltrona com o livro na mão e, em quanto eu fumava um cigarro, eis o que a linda vozinha de passarinho me recitou:

«O Faraó, o Faraó, assustado com a tiplicação dos hebreus, e

receando, e receando que os tranqueiros se tornassem, se tornassem senhores do reino,—do reino, ordenou que fossem mortos todos os filhos varões deles. Moisés foi escondido durante três meses, depois exposto numa cesta nas margens do Nilo—nas margens do Nilo.

«A filha do Faraó, a filha do Faraó, ao ver a cesta, mandou-a buscar, mandou-a buscar. Ela doprou a criança, doprou a criança e deu-lhe o nome de Moisés, que significa em gipcio *salvo das águas*».

—Muito bem, disse eu, beijando a Genoveva; muito bem. Agora para ver se compreendeste bem a lição, vou fazer-te algumas perguntas. Que quer dizer a palavra Moisés?

—Moisés, em... em gipcio, significa: salvo das águas.

—Perfeitamente. E agora serás capaz de me dizer quem era a mãe de Moisés?

—A mãe de Moisés? Era a filha do Faraó.

—Orá! isso não! Pois se ela o achou num canavial, dentro duma cesta, no Nilo...

—Ah! sim, fez Genoveva com um arzinho incrívelulo—isso disse ela. Ela disse que o tinha achado, para não haver historias; mas cá para mim, ninguém me tirará da cabeça que a mãe dele era ela.